



e-ISSN: 2177-8183

**COMPREENSÕES SOBRE A INTERSEÇÃO INFÂNCIA, MÍDIAS E  
TECNOLOGIAS**

**UNDERSTANDINGS ABOUT THE CHILDHOOD, MEDIA AND  
TECHNOLOGY INTERSECTION**

**ENTENDIMIENTOS SOBRE LA INTERSECCIÓN INFANCIA, MEDIOS Y  
TECNOLOGÍA**

*Edilane Carvalho Teles*  
ecteles@uneb.br  
Doutora em Comunicação  
Universidade do Estado da Bahia

*Adriana Maria Santos de Almeida Campana*  
didacampana@yahoo.com.br  
Mestra em Educação  
Universidade do Estado da Bahia

*Suéller Costa*  
sueller.costa@gmail.com  
Mestra em Comunicação  
Pesquisadora do MECOM e Polifonia

**RESUMO**

O presente texto tem como objetivo promover uma reflexão sobre investigações e práticas construídas na interface Comunicação e Educação, a partir de um levantamento de proposições pontuais sobre a interseção infância, mídias e tecnologias. Para tanto, parte da perspectiva de que este é um tema urgente, pois para lidar com os construtos, aprendizagens e linguagens das crianças e adolescentes hoje, é preciso compreender os processos, as interações e as mediações com os dispositivos eletrônicos de última geração, os quais ganharam uma nova dimensão no contexto atual, por conta da pandemia do novo coronavírus, que nos obrigou a realizar o distanciamento social, tencionando ainda mais estas relações pelo aumento nos usos, que encontram-se entendendo-se junto aos diversos segmentos e grupos, familiar, escolar e da sociedade em geral, que atuam e cuidam dos espaços-tempos formativos/educativos. Esta é uma pesquisa qualitativa, construída a partir da escuta das demandas dos sujeitos, na interpretação dos estudos sobre a interseção, aliada à observação empírica em contextos familiares e escolares,

660

incluindo o ensino remoto. Conclui com um breve panorama propositivo sobre os usos das tecnologias, das alternativas e práticas em elaboração.

**Palavras-chave:** Infância. Mídias e Tecnologias. Formação. Interface. Práticas.

## ABSTRACT

This text aims to promote a reflection on investigations and practices built on the Communication and Education interface, based on a survey of specific proposals on the intersection of childhood, media and technologies. Therefore, it starts from the perspective that this is an urgent topic, because to deal with the constructs, learning and languages of children and adolescents today, it is necessary to understand the processes, interactions and mediations with the latest generation electronic devices, the which gained a new dimension in the current context, due to the pandemic of the new coronavirus, which forced us to carry out social distancing, further intending these relationships by the increase in uses, which are to be understood by the different segments and groups, familiar , school and society in general, who act and take care of formative / educational spaces-times. This is a qualitative research, built from listening to the demands of the subjects, in the interpretation of studies on the intersection, combined with empirical observation in family and school contexts, including remote education. It concludes with a brief propositional overview on the uses of technologies, alternatives and practices under development.

**Keywords:** Childhood. Media and Technologies. Formation. Interface. Practices.

## RESUMEN

Este texto tiene como objetivo promover una reflexión sobre las investigaciones y prácticas construidas en la interfaz Comunicación y Educación, a partir de una encuesta de propuestas específicas sobre la intersección de la infancia, los medios y las tecnologías. Por tanto, parte de la perspectiva de que este es un tema urgente, pues para abordar los constructos, aprendizajes y lenguajes de los niños y adolescentes de hoy, es necesario comprender los procesos, interacciones y mediaciones con los dispositivos electrónicos de última generación, que ganó una nueva dimensión en el contexto actual, debido a la pandemia del nuevo coronavirus, que nos obligó a realizar un distanciamiento

social, pretendiendo aún más estas relaciones por el incremento de usos, que deben ser entendidos por los diferentes segmentos y colectivos, , escuela y sociedad en general, que actúan y cuidan los espacios-tiempos formativos / educativos. Se trata de una investigación cualitativa, construida a partir de la escucha de las demandas de los sujetos, en la interpretación de estudios sobre la intersección, combinada con la observación empírica en contextos familiares y escolares, incluida la educación a distancia. Concluye con una breve reseña proposicional sobre los usos de tecnologías, alternativas y prácticas en desarrollo.

**Palabras llave:** Infancia. Medios y tecnologías. Formación. Interfaz. Prácticas.

## INTRODUÇÃO

A princípio é preciso destacar que quando abordamos a interseção temática e conceitual infância, mídias e tecnologias, faz-se numa perspectiva imbricada, compreendendo-a como parte de um construto que compõe as realidades das crianças e dos adolescentes, os quais nasceram em um espaço-tempo contextual que, em sua maioria, interagem e têm acessos diversos, configurando-se como aspecto 'estrutural' e importante de seus cotidianos, quase como extensões de suas vidas e ações, que, considerando a visão de um passado/futurista de McLuhan (2002), estão inter-relacionadas não apenas ao corpo e interpretações, bem como aos seus movimentos com o/no mundo.

Nesse processo, as elaborações dos percursos direcionam para demandas consideradas emergentes, a partir dos intercâmbios propostos entre os sujeitos, as interações e as mediações, como um *mixer* de entrelaçamentos nas práticas cotidianas em seus processos de vida, que mudam continuamente por conta de suas experiências filtradas (TAGLIAPIETRA, 2017) pelas telas *touch screen* dos *Smartphones* e *tablets*. Desse modo, algumas proposições

imagéticas e conceituais, dos ‘novos’ modos de ver e compreender (BABIN, 1989) formam-se, apresentando com mais força uns que outros, como, por exemplo: os usos da *internet*, as redes sociais, os jogos eletrônicos, a insistência das propagandas comerciais que centram e cercam as infâncias vendo-as como potencial consumidor (BUCKINGHAM, 2013), daí as contínuas campanhas publicitárias para o convencimento sobre os produtos e discursos que pretendem imbricar-se com suas vozes, com vistas ao aumento de aquisições para o ‘fortalecimento’ do mercado; a interação com a TV, que no contexto hodierno com os dispositivos digitais e eletrônicos ganharam uma dimensão de descolamento maior, daquilo que estávamos acostumados a ver, como crianças diante dos programas encantadas. Este último aspecto é possível afirmar através de observações empíricas (no cotidiano de nossas casas e práticas profissionais) e realização de coleta de dados (MECOM, 2019)<sup>1</sup>.

Sobre as realidades de crianças e adolescentes, as proposições consideradas mais interativas são aquelas relacionadas aos dispositivos eletrônicos, escolhidos como mais atrativos que a televisão. Assim, quando têm oportunidades, escolhem mais essas aproximações, do que a conhecida mídia de massa historicamente presente em quase todos os lares brasileiros. O maior acesso é com o celular, contudo, isso não quer dizer que todas essas interações não sejam ainda fortemente representadas e presentes em seus contextos. Outra questão relevante refere-se aos ‘olhares’ sobre as imagens do ‘ser criança’, elaborações discursivas pelos sujeitos com/nos processos e meios comunicacionais na sociedade, muitas vezes, considerando-a numa

---

<sup>1</sup> MECOM. Mediações educacionais. Grupo de pesquisa apoiado pelo CNPq e baseado no Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. Pesquisa realizada em 2019, em finalização.

perspectiva romântica e protecionista, outras voltadas ao seu potencial consumidor, com uma forte incidência no imaginário simbólico, daí a importância da compreensão sobre a multiplicidade de seus significados, nas elaborações discursivas e praxiológicas com as mídias e tecnologias digitais (TELES, 2019).

Obviamente, sabe-se que em contextos mais desfavorecidos economicamente, as crianças e adolescentes não têm tanto acesso como aquelas que vivem com mais condições quanto a aquisição e usos desses dispositivos/equipamentos. Entretanto, independentemente do contexto, uma cena que se faz corrente é de pais e/ou responsáveis cederem dispositivos, como o celular para que joguem, interajam, assistam vídeos. Todas ações que não acarretam nenhum problema, desde que não seja por um tempo 'excessivo' em quantidade ou a única forma de entretenimento, sem acompanhamento e escolhas adequadas à fase de desenvolvimento em que estão. Afirmar isso é destacar um aspecto que tornou-se nevrálgico no cotidiano, quanto ao tempo que passam diante das telas.

Nesse sentido, faz-se necessário a promoção de um diálogo contínuo entre as pesquisas em diversos segmentos, como a educação nas dimensões da cognição e metacognição, além da saúde física e psíquica com as práticas que as famílias e as instituições de ensino têm promovido em cada um dos seus espaços-tempos, com vistas a compreender que estão entrelaçadas a uma necessária educação midiática e tecnológica, como demanda a ser incluída nas pautas de discussões com as comunidades e responsáveis, sobre os modos de pensar dos coletivos, quanto aos impactos e inserção nos currículos e nas práticas formativas/educativas.

O escopo do presente estudo é promover uma reflexão sobre a interseção entre infância, mídias e tecnologias e, para isso, a contextualiza

entre as problemáticas atuais, sobre o quanto intensificam os processos e pesquisas, principalmente porque o aumento dos usos e interações exige maiores entendimentos e práticas em todos os espaços, formais, não formais e informais.

## **OBSERVAÇÕES DO COTIDIANO**

Muito se discute sobre o excesso de telas para crianças pequenas. O uso indiscriminado de qualquer subterfúgio causa incômodo ao olhar de um educador e isso com a autorização dos responsáveis chega a sugerir despropósito. Não nos parece apropriado que crianças tão pequenas alcem com *tablets* ou *smartphones*, mas é necessário entender com clareza os prejuízos, se é que os têm, causados na rotina e aprendizagens destas crianças.

Precisamos diferenciar certas percepções da realidade contemporânea e entender melhor, os costumes e usos das tecnologias. Não estamos querendo regredir aos anos de 1950, quando quase nenhuma casa possuía televisão. Mesmo porque isso seria uma outra discussão a partir de tantas tecnologias inovadoras na história. Queremos apenas refletir o uso, a quantidade de tempo e consequências para as crianças e adolescentes. Lembramos que, quando falamos dos usos indiscriminados, estamos pontuando jogos, vídeos, desenhos, clipes e tantos outros entretenimentos que estão servindo de auxílio para a 'calma' da família em casa e em ambientes sociais.

Tais aspectos são perceptíveis no cotidiano das famílias. Nos anos 1990, quando uma família viajava, não eram raras as brincadeiras de

perguntas e percepções que os pais faziam com os filhos durante o percurso. No restaurante, a espera vinha acompanhada de um potinho com lápis de cor e papel, quando um adulto não levava algum brinquedo ou livro na bolsa. Atualmente, o celular ou o *tablet* tranquilizam as crianças no carro, no restaurante, na recepção, até em parques, *shoppings* e em casa. Como em um passe de mágica, o choro para e a criança fica em uma espécie de conexão sem espaço para interferências externas.

Quando falamos de interferências, podemos citar colegas, brincadeiras, socialização, que já bastariam para limitar o uso destes aparelhos em espaços específicos. Mas pretendemos ir além em nossas percepções. Segundo o artigo “Funções executivas e desenvolvimento na primeira infância: habilidades necessárias para a autonomia”, a primeira infância é um momento importante para o desenvolvimento de habilidades necessárias para as fases posteriores do indivíduo.

Nesta fase da vida, há elevada plasticidade cerebral, o que significa uma maior capacidade de transformação do cérebro devido aos estímulos e experiências vivenciados. As habilidades desenvolvidas neste início serão fundamentais para o desenvolvimento de habilidades mais complexas em fases posteriores da vida. Desperdiçar as possibilidades da primeira infância significa limitar o potencial individual, uma vez que nem sempre é possível recuperá-lo plenamente com investimentos posteriores (COSTA *et al.*, 2016, p.4)

Costa *et al.* (2016) relatam que essas habilidades estão relacionadas às funções executivas que, segundo eles, são: a memória de trabalho, que faz a criança lembrar o que estava fazendo antes de ser interrompida; controle inibitório, que possibilita filtrar pensamentos ou manter a concentração e flexibilidade cognitiva que está ligada ao pensar de variadas formas e ângulos. Assim, relacionam tais funções à autonomia da criança e do futuro adulto e

afirmam a necessidade de vínculos e interações sociais positivas para que estas funções sejam provocadas e potencializadas.

Pensando nisso e observando as práticas sociais das crianças em seus contextos, podemos pontuar que estes vínculos estão fragilizados com o uso intenso das telas pelas crianças nesta fase da vida. Sendo assim, nesta perspectiva, teremos consequências a serem investigadas e, sem um vislumbre do que virá, podem ser consideradas negativas quanto ao desenvolvimento do pensar crítico dos futuros jovens, além do controle inibitório e concentração. Isso significa jovens menos concentrados, mais ansiosos, desatentos, com pouca reflexão, e uma diferença quanto ao raciocínio lógico e criatividade, difíceis de mensurar sem um estudo empírico para compreender estas alterações.

Outro estudo sobre o mundo digital e o cérebro na infância é de Maryanne Wolf (2019), que destaca os perigos das telas para as crianças e a necessidade de uma rotina que estabeleça limites de tempo para o uso. Afirmando que,

Diante das possibilidades deslumbrantes que se oferecem à sua atenção numa tela, as crianças pequenas rapidamente ficam cercadas, acostumadas e cada vez mais semidependentes de uma estimulação sensorial contínua. Quando o nível constante de estimulação lhes é retirado, reagem, como seria de prever, com um tédio aparentemente insuportável. [...] pode existir também uma forma nova de tédio, não natural, culturalmente induzida, que se segue a estimulação digital. Essa forma de tédio pode desanimar as crianças de modo a impedi-las de querer explorar e criar por iniciativa própria experiências no mundo real, particularmente, fora de seus quartos, casas e escolas. (WOLF, 2019, p.130)

Desse modo, propõe a importância de uma leitura profunda sobre a “[...] observação, hipóteses e previsões baseadas na interferência e na dedução,



testagem e avaliação, interpretação e conclusão e, sempre que possível, novas provas dessas conclusões com base em sua replicação.” (WOLF, 2019, p.72) para o desenvolvimento da capacidade de empatia e, no mesmo viés do estudo anterior, capacidade crítica, tão importante em épocas de *fake news* e pós-verdade.

De tal modo, Wolf (2019) afirma que a leitura superficial, em telas, com rapidez, sem aprofundamento, como vem acontecendo, vai modificando o caminho das conexões do cérebro e sua maleabilidade, fazendo com que as consequências descritas acima sejam inevitáveis. Mas a autora propõe um duplo letramento, entendendo que a cultura digital está inserida na sociedade, sobre a qual destaca as seguintes considerações:

Antes de tudo a interação humana e suas associações com tato e o sentir, em segundo lugar, o desenvolvimento de uma atenção compartilhada, através de um olhar compartilhado e de orientações amáveis e em terceiro lugar, a exposição diária a novas palavras e novos conceitos, à medida que reaparecem a cada dia como por mágica no mesmo lugar na mesma página. (WOLF, 2019, p.154)

Nos dois primeiros anos daria um jeito para que os pais e as babás lessem diariamente para as crianças, tornando a leitura noturna de histórias um ritual. Dessa maneira, não só as crianças viajam na imaginação para lugares muito longe, de onde vivem, mas também tem a oportunidade de familiarizar-se com esquemas cognitivos importantes de histórias e contos de fadas que reaparecerão várias vezes em seus anos de escola. As leis morais universais que cada cultura possui começam com histórias. (WOLF, 2019, p.158-159)

Durante o tempo fugaz entre 2 e 5 anos de idade, as crianças em meu mundo da leitura seriam cercadas de histórias, livros pequenos, livros grandes, palavras pequenas, palavras quaisquer, letras, números, cores, lápis de cor, música - muita música! e todo tipo de coisas capazes de promover sua criatividade, suas habilidades comunicativas e suas explorações físicas, em ambientes fechados ou fora de casa. (WOLF, 2019, p.158)

Eu gostaria que houvesse um movimento de proteção do tempo perdido, em que as crianças precisariam de pouco mais do que a imaginação para transformar uma porta de armário no portal e o pátio da escola na superfície da lua esmagada por asteroides. (WOLF, 2019, p.164)

Durante o período entre 5 e 10 anos, o objetivo é inculcar nas crianças a expectativa de que, se levarem o tempo necessário, terão ideias próprias. (WOLF, 2019, p.202)

As tecnologias e mídias digitais têm proporcionado através dos meios que permitem muitas interações (*apps* e plataformas) maior familiaridade com as redes sociais, *games*, *YouTube* e uma intensa comunicação através do *WhatsApp*, configurando-se como possibilidades e fontes de socialização com os conteúdos e informações variadas por meio dos dispositivos eletrônicos. Diante disso e das proposições psíquicas e de aprendizagens destacadas acima, questiona-se: é possível pensar e promover um uso 'mais saudável' e equilibrado, elaborando proposições para que não sejam excessivos? Alguns estudos (BRASIL, 2019) têm demonstrado que a dependência a esses equipamentos e interações ininterruptas por muito tempo causam problemas e/ou desenvolvimento de outros comportamentos, ganhando nos dias de hoje uma nova dimensão, pois as tecnologias e mídias tornaram-se as 'janelas e portas' de saída para o mundo por conta do isolamento social, e a ausência dos adultos em oferecerem outras oportunidades para potencializar o imaginário e a criação, como a leitura, a contação de histórias, os jogos e as brincadeiras sem equipamentos eletrônicos, por exemplo, agregam à situação, um cenário no qual os excessos encontram justificativas e são continuamente promovidos, com a devida 'autorização', como a única forma de entretenimento e interação. Assim, para muitos, o tempo de usos dobrou, como é o caso das crianças e adolescentes, que no momento realizam sua educação no formato remoto.

Para compreender os entrelaçamentos e complexidades dos construtos identificados na pesquisa, o presente estudo parte da observação da realidade e escuta dos sujeitos nos contextos formativos, identificando, no percurso metodológico qualitativo, o meio possível para delinear, por meio das observações, dos registros e dos estudos, as interpretações e análises, cujo viés perpassa as elaborações e os imbricamentos nos movimentos, discursos e ações do cotidiano.

### **NEM VILÃO, NEM MOCINHO!**

Obviamente, os problemas citados quanto as limitadas oportunidades de aprendizagens nas diferentes instâncias educativas podem ocorrer em várias frentes e, não necessariamente, somente por conta das tecnologias e mídias digitais. Para compreender estes meandros, que são primordiais para ampliar e fundamentar os cuidados com o acompanhamento do desenvolvimento formativo dos sujeitos, em reconhecimento à forte e 'insistente' presença dos dispositivos, poderíamos iniciar por considerá-los numa dimensão de 'parceria', por assim dizer, pois os meios muitas vezes, são os canais de diálogo e interação com os amigos, de entretenimento, assim como de muitas aprendizagens, portanto, não tensiona apenas para um lado negativo. Nesse processo, o próprio conceito e prática de uma educação cidadã é alterado, entretanto, este pode ser o vislumbre referencial para os entendimentos e as proposições com os acessos e usos, uma vez que também faz parte de um dos direitos numa sociedade imersa na cultura digital.

Podemos afirmar que hoje há uma nova infância? A resposta é afirmativa, uma infância que se constrói em seu percurso histórico, nas interações e mediações socioculturais. Assim, a pergunta nos direciona para

uma constatação de que é um contexto de crianças e adolescentes conectados, diversos e cada vez mais distantes com os processos que conhecíamos e estávamos acostumados, cuja construção emerge no presente das vivências e experiências nas diversidades dos tempos. Nesse sentido, é urgente conhecer e compreender as evidências apresentadas em pesquisas empíricas, que, a partir de observações e registros sobre essas realidades, ampliam e difundem conhecimentos sobre tais mudanças. Necessárias, principalmente ao campo educacional iniciando pelas famílias, como lugar de cuidado e tutela da criança primeiramente. Esta, vista como um cidadão com direitos e deveres, que depende do acompanhamento dos responsáveis, incluindo nesse rol o estado a partir das políticas públicas que devem estender-se também para uma educação midiática e tecnológica que chegue a todos, como um direito a ser garantido, pela sua relevância para aprender a lidar com as incongruências da velocidade comunicativa, não eximindo assim de sua parcela de responsabilidade junto aos pais e professores. Como afirma, Livingstone (2010, p. 286, tradução nossa)

Hoje vivemos em um ambiente de mídia e comunicação complexo e onipresente: chegou a hora de reconhecer que esse ambiente contribui significativamente para moldar nossas identidades, nossa cultura e nosso conhecimento, para os recursos que temos para relacionar-se com os outros e, portanto, com as condições da nossa participação na vida em sociedade. Ninguém pode viver fora desse ambiente e nenhuma criança ou jovem quer.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>Al giorno d'oggi viviamo in un ambiente mediale e comunicativo complesso e onnipresente: è venuto il momento di riconoscere che questo ambiente contribuisce in modo significativo a dare forma alle nostre identità, alla nostra cultura e al nostro sapere, alle risorse di cui disponiamo per entrare in relazione con gli altri e, dunque, alle condizioni della nostra partecipazione alla vita della società. Nessuno può vivere al di fuori di tale ambiente, e nessun bambino o ragazzo desidera farlo.

Portanto, o papel educativo/(in)formativo ganha uma outradimensão nesse processo, intercambiando e imbricando-se com as mídias e tecnologias na sociedade, as quais atravessam as relações, fazendo parte das produções de conhecimentos e saberes, cada um como produtor e consumidor dessas culturas. É importante destacar que as mídias assim como as tecnologias não são vilões ou mocinhos, os modos como pensaremos esses entrelaçamentos ou até promovemos dependem das interpretações e entendimentos que fazemos destas. Qual abordagem ou concepção teórico-metodológica orienta as nossas ações? Nesse sentido, é importante explorar e abordar a temática numa perspectiva mais crítica.

De acordo com os estudos realizados pontualmente (MECOM, 2019), as crianças e adolescentes, em sua maioria, ficam de 4 (quatro) a 5 (cinco) horas ou até mais interagindo com as mídias, redes sociais ou jogando. Esse é um tempo muito grande no contexto das horas que envolvem o dia a dia com as atividades formativas ou até mesmo, do ócio que deveria fazer parte. Nesse momento, a dimensão é tensionada ainda mais, pois amplia-se com o ensino remoto<sup>3</sup>, com o qual a escola também é 'transmitida', por assim dizer, através de plataformas digitais, portanto, o tempo com os dispositivos é o dobro: o da escola e o da 'diversão'.

O estudo publicado pelo TIC Kids Online, pelo Cetic(Br)<sup>4</sup>, a partir de uma investigação<sup>5</sup> realizada com uma amostra representativa de 2.964 famílias, com entrevistas com crianças e adolescentes brasileiros de 9 a 17 anos (Tabela

---

<sup>3</sup> Medida temporária e emergencial aprovada pelo MEC (Ministério da Educação) para a realização do cronograma de aulas no formato não presencial.

<sup>4</sup> <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

<sup>5</sup> <https://cetic.br/pt/tics/kidsonline/2019/criancas/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

1), e publicizada no documento da Sociedade Brasileira de Pediatria<sup>6</sup> em 2019, apresenta dados bem representativos, quanto aos números sobre os usos e acessos.

**Tabela 1** - Alguns dados retirados da amostra representativa sobre usos e tempos de conexão.

Conexão à <i>internet</i>	86%	Obs.: Valores referentes à amostra representativa de 2.964 famílias, com entrevistas de crianças e adolescentes brasileiros entre 9 e 17 anos. 24,3 milhões de usuários. Destes, 94% e 95% nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, e 75% nas regiões Norte e Nordeste. SF- Sexo feminino SM - Sexo masculino
Conexão à <i>internet</i> pelo celular	93%	
Assistir vídeos, filmes e programas ou séries na <i>internet</i>	83%	
Compartilhamento de mensagens instantâneas	80% (SF) e 75% (SM)	
Uso de redes sociais	70% (SF) e 64% (SM)	
Fotos e vídeos	53% (SF) e 44% (SM)	
Jogos <i>on-line</i>	39% (SF) e 71% (SM)	
Jogos <i>off-line</i>	56% (SF) e 65% (SM)	

**Fonte:** TIC Kids Online – CETIC (BR), (2018).

É possível pensar e promover a autorregulação? Ou esta posição estaria promovendo uma censura? Provavelmente, sim. Preferimos destacar o papel da educação nas orientações sobre as interações e mediações, com acompanhamento dos responsáveis nos usos pelas crianças e adolescentes. Afinal, não podemos negar sua importância na cultura contemporânea e nas muitas construções possíveis, somente por conta desse desenvolvimento e evolução tecnológica e midiática. Se hoje superamos a pandemia realizando

<sup>6</sup> [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf). Acesso em: 04 ago. 2020.

trabalho e ensino remoto é em virtude desses dispositivos, bem como as muitas aprendizagens potencializadas pelos acessos às tecnologias e à informação, porém, numa velocidade a ser compreendida. Para tanto, é preciso investigar os percursos teórico-metodológicos dessas construções, sobre como propor e potencializar as práticas educativas e pedagógicas, o currículo e a inclusão, assim como a criação de projetos. Ou ainda, compartilhar continuamente as pesquisas e elaborar junto às famílias orientações consensualmente elaboradas e pautadas em estudos, para um melhor e mais crítico uso pelos sujeitos. Nesse entendimento, salientamos que é necessário conhecer os percursos para ajudar a pensar nas possibilidades de fazer.

Assim, a Sociedade Brasileira de Pediatria aponta (BRASIL, 2019) como os principais problemas médicos, um alerta à saúde na era digital, como, por exemplo, a dependência digital e o uso problemático das mídias interativas, que também incidem na saúde mental, tais como: irritabilidade, ansiedade, depressão, transtorno de déficit de atenção, hiperatividade, transtornos de sono e alimentação, sedentarismo, *bullying* e *cyberbullying*, transtorno de imagem, riscos quanto à exposição na rede da sexualidade, comportamentos autolesivo, incluindo o suicídio, o aumento da violência, assim como, problemas auditivos e uso de drogas lícitas e ilícitas. A lista é grande, mas não queremos apontar apenas o aspecto negativo colocando as mídias e tecnologias como vilões, mas destacar que, no cotidiano, a rotina das crianças e dos adolescentes merece mais atenção e cuidado. É preciso ofertar outras oportunidades formativas e de aprendizagens em casa e na escola. Como destaca Turkle (2016, p. 422),

As crianças precisam aprender a reconhecer sentimentos complexos e uma certa ambivalência humana, mas também precisam de pessoas que reajam à própria expressão dessa complexidade. Essas são as coisas mais

preciosas que as pessoas dão aos filhos, conversando com eles enquanto crescem. Nenhum robô tem essas coisas a ensinar.<sup>7</sup>

O que fazer? É preciso pensar as rotinas, potencializando as relações de afeto e convivência com os familiares, amigos e parentes, que hoje só podem ser feitas a distância, por conta do isolamento social, por meio das redes sociais. Mas por quanto tempo? Propomos o tempo limitado para a exposição às telas, considerando ainda que devemos estar presentes quando possível, orientando, participando, ouvindo. As crianças e os adolescentes, assim como nós, precisam do vínculo com os outros e, nesse momento, as redes sociais através dispositivos móveis ampliam esta possibilidade. O equilíbrio é que nos demonstrará que isso não é negativo, ao contrário, a perspectiva positiva (necessária, de construção com consciência e coerência) é também prazerosa. Entretanto, precisamos compreender os limites.

## **MÍDIAS E TECNOLOGIAS NO ENSINO REMOTO NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO**

Passamos das questões do cotidiano às pesquisas, para, em seguida, pensar o contexto escolar e de formação, que em tempos de pandemia levaram a uma reestruturação do formato, até então, tradicional, de ensino da Educação Básica no Brasil. Pois, com a suspensão das aulas presenciais, a partir do mês de março de 2020 (em todo o Brasil e mundo), com o objetivo de ajudar a conter a disseminação do novo coronavírus, o ensino remoto passou a ser obrigatório, configurando-se na alternativa para dar continuidade ao

---

<sup>7</sup> I bambini hanno bisogno di imparare a riconoscere i sentimenti più complessi e una certa ambivalenza umana, ma hanno altresì bisogno di persone che reagiscono alla loro personale espressione di tale complessità. Sono queste le cose più preziose che le persone regalano ai bambini conversando con loro durante la crescita. Nessun robot ha cose simili da insegnare.



processo de ensino e aprendizagem. Assim, cerca de 48 milhões<sup>8</sup> de estudantes desses ciclos, que englobam o Infantil, Fundamental e Médio, matriculados em aproximadamente 180 mil unidades escolares das redes pública e privada do país, tiveram de migrar para o novo modelo de estudos.

Professores, alunos, gestores e sistemas de ensino foram desafiados a repensar as condutas, reestruturar os modelos de trabalho, inovar as metodologias, propor novas abordagens ao ensino, respeitando os diferentes cenários, as particularidades dos inúmeros alunos, as necessidades das famílias envolvidas e as realidades pertinentes a cada um dos sujeitos envolvidos em todo o processo. Vários foram os percalços enfrentados no início dessa nova dinâmica, e, dentre os principais problemas elencados e, inclusive, em nível nacional, destacam-se os relacionados à falta de aparatos tecnológicos e de acesso à internet. Assim, os excessos dos usos reconhecidos como um problema para o desenvolvimento de crianças e adolescentes, citados acima, pois muitos sequer tiveram oportunidade e acesso, em especial os mais economicamente desfavorecidos. Embora os entusiastas do segmento educacional destaquem que nos encontramos na 'Educação 4.0' e que, além de uma Sociedade da Informação e Comunicação, vive-se a era da conectividade, os acessórios essenciais para imergir nesse grupo *high-tech* ainda não fazem parte da realidade de muitas famílias brasileiras, e a pandemia escancarou esta exclusão digital, a que também tem levado à exclusão de muitos ao acesso ao ensino. Estamos, portanto, diante

---

<sup>8</sup> Segundo o Censo Escolar da Educação Básica 2019, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em fevereiro de 2020, havia exatamente 47.874.246 alunos matriculados nos ensinos Infantil, Fundamental e Médio. Eles estão distribuídos em 180.610 escolas, e a rede municipal é a responsável por 60% delas, somando 48% dos alunos. Os dados mostram também que 88,9% dos alunos se encontram em áreas urbanas.

de argumentações contraditórias, que reverberam nos modos de usos dentro e fora da escola, acentuando as diferenças geracionais e de classe.

Acredita-se que nem a metade dos estudantes brasileiros está tendo acesso à nova dinâmica. Para se ter uma ideia, 4,8 milhões de estudantes do ciclo básico não têm acesso à internet, segundo a pesquisa TIC Kids Online 2019, divulgada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). E este tem sido o principal impeditivo para as práticas remotas serem democráticas, e, de fato, inclusivas. Ainda não é possível mensurar quantas crianças e quantos jovens da Educação Básica, de fato, foram excluídos do processo educativo. Cada Estado tem feito o monitoramento pela sua região, e, apesar das inúmeras estratégias adotadas, não podemos considerar que todos os matriculados estão sendo atendidos, e os motivos são inúmeros, eles vão muito além da conectividade e da falta de dispositivos comunicacionais.

Em contrapartida, para aqueles que possuem condições de acompanhar a nova dinâmica de ensino, sendo, por sua vez, considerados privilegiados, muitos professores estão se reinventando para manter tanto o aprendizado dos estudantes, como também, e, principalmente, o vínculo, a atenção, o interesse pelo conhecimento e pelo universo escolar. Para estes profissionais, que encontraram nas tecnologias o caminho para promover as suas aulas, coube atualizações constantes para aliar, com uma intencionalidade educativa, os recursos midiáticos e tecnológicos, em prol das temáticas a serem abordadas ao longo dos encontros síncronos e assíncronos com as suas turmas.

Com estes novos dispositivos tecnológicos em mãos, foi lançado o desafio: como explorar as potencialidades educativas destes meios comunicacionais e tecnologias? Como explorá-los de forma consciente, considerando que a exposição de crianças e adolescentes às *multitelas* já é

excessiva, e, com as aulas remotas, aumentou ainda mais? Como aliar propostas metodológicas que atendam às necessidades dos alunos? Como construir práticas que os engajem e os motivem a aprender durante o ensino remoto? E, por último, como construir um outro/novo entendimento sobre esses aparatos e a sua dinamicidade, que, quando bem usufruídos, permitem práticas enriquecedoras? Um dos caminhos para a elaboração e direcionamento de um trabalho condizente a responder a estas questões é a realização de estratégias metodológicas desenvolvidas sob o viés da Educomunicação, um campo que alia a comunicação à educação como forma de usufruir, intencionalmente, de diversos recursos e dispositivos comunicacionais com o propósito de incentivar a expressividade dos alunos de forma consciente, crítica, reflexiva e criativa.

Segundo Soares (2011), a Educomunicação procura melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas; desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação; incentivar o uso adequado dos recursos tecnológicos nas práticas educativas; além de criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, que, segundo Martín-Barbero (2006), na era digital, materializa-se na relação das novas gerações com a tecnologia.

Em tempos de isolamento social, as tecnologias têm permitido a aproximação entre aluno e professor, e, além disso, a conectividade com as famílias, que têm sido essenciais para o encaminhamento da nova rotina de estudos, em especial, nos primeiros ciclos da Educação Básica. E é por estes meios que o processo de ensino e aprendizagem tem sido efetivado. Para o bom condicionamento, em primeiro lugar, foi preciso trabalhar as

funcionalidades destes recursos, que, até então, eram vistos, em especial, como entretenimento.

Enquanto os professores foram desafiados a inovar as suas práticas, repensar as metodologias, propor novas estratégias para condicionar as suas aulas; os estudantes tiveram de se readaptar a um novo espaço de estudos, a uma nova reorganização temporal, a uma nova rotina de aprendizagem, mas, sobretudo, a entender que os recursos tecnológicos vão além de atividades voltadas à diversão, mas, também, especialmente neste momento, à apreensão de múltiplos conhecimentos e, ainda, à manutenção das relações sociais. O entendimento das diversas funcionalidades desses dispositivos é uma forma de orientar os educandos a explorá-los de forma construtiva, a fim de agregar o seu aprendizado.

Segundo Jenkins (2009), as tecnologias promovem a cultura da participação, que permite trabalhos pautados na colaboração e na coletividade. Nas diversas áreas do conhecimento, é possível se pautar nestas possibilidades para ampliar a produção autoral dos educandos, explorando os diversos gêneros digitais. Expostos a textos multimodais, que elenca textos, sons, vídeos, áudios, *links*, dentre outros, os estudantes constantemente acessam e consomem estes conteúdos. Preparar trabalhos que explorem o uso destas linguagens, uma vez que a nova geração usufrui de habilidades com determinados dispositivos, mas nem sempre os dominam sob o viés educativo, é uma das estratégias para ampliar os conhecimentos da juventude elencando os conteúdos pertinentes aos cronogramas curriculares aos gêneros eletrônicos que fazem parte do repertório dos educandos.

As redes sociais, por exemplo, podem ser usadas para o desenvolvimento de inúmeras atividades. O *Tik Tok* é um bom instrumento

para a produção de vídeos; o *Instagram* para explorar a fotografia; o *Spotify* e *WhatsApp* para trabalhar narrativas orais; *Twitter* para incentivar a criticidade por meio de textos objetivos; ou, ainda, o *Tumblr*, uma plataforma gratuita de *microblogging*, que pode ser usada para estimular a expressividade reunindo todos os gêneros anteriormente citados, mas, especialmente, o textual. Todas as postagens devem ser temáticas, ou seja, direcionadas a um tópico abordado pelo educador, que, aliás, pode acompanhar todo o processo integrando-se a essas redes. Como mediador de todo o processo educativo, o professor pode, além de se tornar um dos amigos de seus alunos nos portais, deve ser um 'observador' das ações realizadas pelos seus educandos, aumentando a sua responsabilidade educativa, quando, também, caberá a este profissional orientar a sua turma com relação à segurança digital, à privacidade, à exposição, dentre outros elementos condizentes à cultura digital, que também deve agregar os conteúdos curriculares.

Outros instrumentos, como sites, aplicativos e plataformas educativas, também podem render atividades significativas, como ações gamificadas, que permitem a interatividade entre os educandos, além do estímulo à aprendizagem, por explorar a disputa, um desafio, um propósito com formato que alia entretenimento e conhecimento. É importante destacar que a figura do professor é indispensável para ajudar no uso mais objetivo e funcional dos recursos tecnológicos disponíveis. São eles que dão vida aos diversos suportes, escolhidos de acordo com os objetivos a serem trabalhados, e conteúdos a explorar. As tecnologias dependem deste olhar educativo, que, com sua habilidade, elenca as potencialidades dos recursos midiáticos e tecnológicos, cada vez mais intrínsecos ao cotidiano da nova geração. Entretanto, é preciso pensar que,

Tínhamos uma história de amor com uma tecnologia que nos parecia mágica. Mas como acontece com qualquer grande magia, funcionava absorvendo totalmente nossa atenção e nos impedindo de ver qualquer coisa além do que o mago queria que víssemos. Agora estamos prontos para reivindicar nossa atenção: para experimentar a solidão, por nossos amigos, pela sociedade. (TURKLE, 2016, p. 428-429, tradução nossa)<sup>9</sup>

Desta forma, este olhar atento e com propósitos ajudam a conduzir os parâmetros educacionais, que têm como objetivo promover propostas de melhoria ao cenário educativo. Levando em consideração o momento atual, é possível dizer que esse campo tem favorecido o método de ensino adotado, visando à transformação da didática pedagógica, que, mesmo remotamente, tem buscado um aprendizado fundamentado numa relação harmônica, horizontal, dialógica e democrática, ao menos na intenção de muitos. As estratégias supracitadas são alternativas para ajudar na concretização deste propósito, pois estimulam os processos comunicativos pelos recursos midiáticos e tecnológicos, promovendo a produção autoral e a expressividade, permitindo a troca de conhecimentos e experiências, e, ainda, o trabalho com três competências: leitora e escritora; digitais e informacionais (BRASIL, 1997).

Trata-se de um fluxo de ações que direcionam aspectos identificados em atividades realizadas na interface: a transformação de informações em conhecimentos e a promoção da cidadania, permitindo ao aluno uma leitura do mundo à sua volta, dando-lhe acesso ao direito à comunicação, e, por sua vez, à expressão. No entanto, independentemente dos conteúdos produzidos por meio desta expressividade explorada por múltiplas linguagens, o importante é o processo comunicativo. Segundo Soares (2011), com relação às tecnologias, o

---

<sup>9</sup>Abbiamo avuto una storia d'amore con una tecnologia che ci appariva magica. Ma come in ogni grande magia, essa funzionava assorbendo interamente la nostra attenzione e impedendoci di vedere altro oltre a quello che il mago voleva che vedessimo. Ora siamo pronti a reclamare la nostra attenzione: per sperimentare la solitudine, per i nostri amici, per la società.

que importa não é o dispositivo e/ou aparato maquínico disponibilizado, mas o tipo de mediação que elas podem favorecer para ampliar os diálogos sociais e educativos.

Embora o acesso ao ensino remoto não seja democrático, com relação aos que estão usufruindo deste panorama, podemos dizer que tanto os estudantes quanto os educadores estão em um constante fluxo de aprendizados, um aprendendo com o outro. Os primeiros com suas habilidades, até então manuais com os meios eletrônicos; e o segundo, com a sua visão educacional a estes recursos. Inspirando-se no conceito de Educação Libertadora, de Freire (2013), observa-se a dialogicidade entre os sujeitos, que, juntos, buscam a reflexão dos trabalhos em busca de transformações. Segundo esse conceito, o educador aprende enquanto ensina e o educando ensina enquanto aprende. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, que, ao ser educado, também educa. Afinal, ainda sob a perspectiva freireana, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Envolver o aluno numa estratégia totalmente diferente da que ele estava acostumado é desafiador. Primeiramente, novas formas de contato, uma plataforma, um canal de comunicação e, em seguida, a conduta dos estudos. Métodos que podem tornar-se eficazes porque, por meio deles, o professor passou a demonstrar ao estudante que continua presente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse estudo algumas questões podem ser consideradas sensíveis por tocar o desenvolvimento das crianças, com a diversidade de entendimentos sobre infância na contemporaneidade; para uns, de proteção completa e total

preservação da sua inocência; para outros, de ausências na tutela e atenção, ou até mesmo, desconhecimento do papel do adulto responsável por sua educação. É importante que compreendamos tais aspectos para dar sentido e subsidiar as abordagens formativas, seja em casa ou na escola, quanto aos usos das mídias e tecnologias.

Pode-se considerar que vivemos destempos (MARTIN-BARBERO, 2014) nos modos de agir inter-geracional, (in)coerências quanto à diversidade de interações e usos. Se em casa muitas crianças e adolescentes têm acessos, muitos deles de forma irrestrita; na escola, a dificuldade em realizar projetos que sejam efetivados de forma transversa com as tecnologias e mídias no currículo formal, configura-se em uma barreira que está relacionada à falta de formação inicial e continuada dos profissionais de educação. Assim, destacamos a relevância sobre a compreensão da interseção, para promover ações dialógicas entre família e escola com os usos das mídias e tecnologias no cotidiano das crianças e adolescentes.

Sobre as questões apresentadas, algumas vêm à tona, como, por exemplo, o consumo dos conteúdos simbólicos através da publicidade, desenhos animados e informações variadas, pautadas em interpretações pontuais, muitas delas precisando ser esclarecidas quanto às mensagens que propõem, de abertura conflitante de interpretações dos discursos, pois é disso que trata-se: discursos e interpretações, portanto, linguagem, daí, o acompanhamento.

Outro tópico presente nessa relação refere-se à produção de imagens sobre as infâncias nas mídias, os modos como aparecem, difundindo a ideia de fomento a uma relação estreita no consumo desses conteúdos, geralmente ligados à cultura lúdica da criança com a TV e os eletrônicos, em especial, jogos *on-line* e *off-line* como brinquedos. Os discursos sobre os excessos não



são apenas uma problemática do contexto da infância, mas de toda a sociedade, que antes da pandemia (COVID-19), por exemplo, os usos eram cada vez maiores, principalmente, com o *WhatsApp* e redes sociais, pela possibilidade de socialização de mensagens, envio e recebimento, que ganhou uma ênfase diversa, configurando-se em entretenimento e fazendo parte da vida da maioria das pessoas.

Na infância, isso ganhou um efeito e uma atenção maior. O que é necessário para a inclusão e uso mais crítico das tecnologias e mídias na educação? A questão precisa ser mais investigada para superação dos mitos (entre proibição e liberação sem controle), a qual implica o meio social e a cultura que produz e é produzida pelas mídias e tecnologias em volta dos discursos difusos às crianças e aos adolescentes, como partícipes dessa construção no cotidiano. Nesse ínterim, a questão-problema nos contextos familiares assim como na educação formal refere-se aos tempos diante das telas. Como mensurar e equilibrar?

## REFERÊNCIAS

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender**. A geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BRASIL. Sociedade Brasileira de Pediatria. **Manual de Orientação**. Grupos de trabalho saúde na Era digital (2019-2021). #menos telas #mais saúde. Dezembro de 2019. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf). Acesso em: 04 ago. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUCKINGHAM, David. **La infancia materialista**. Crecer en la cultura consumista. Madrid: Ediciones Morata, S. L., 2013.

COSTA, Joana Simões de Melo (et al.). NCPI. **Funções executivas e desenvolvimento infantil**: habilidades necessárias para a autonomia: estudo III / organização Comitê Científico do Núcleo Ciência pela Infância. 1. ed. -- São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal - FMCSV, 2016. Disponível em: [https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/funcoes\\_executivas\\_e\\_desenvolvimento.pdf](https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/fmcsv/funcoes_executivas_e_desenvolvimento.pdf) . Acesso em: 08 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 55ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LIVINGSTONE, Sonia. **Ragazzi online**. Crescere com internet nella società Digitale. Milano, Italia: Vita e Pensiero, 2010.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos meios as mediações**: comunicações, cultura e hegemonia. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Gli strumenti del comunicare**. Mass media e società moderna. Milano, Italia: 2002.

MECOM. Mediações educacionais. **Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico**. Pesquisa apoiada pelo CNPq. Departamento de Comunicações e Artes/ECA/USP/PPGCOM, sob coordenação do prof. Dr. Adilson Citelli. São Paulo: 2020 (em finalização).

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

TAGLIAPIETRA, Andrea. **Esperienza. Filosofia e Storia di un'idea**. Milano, Italia: Raffaello Cortina Editore, 2017.

TELES, Edilane Carvalho. **Cultura digital e educação midiática no ensino básico**. INTERCOM. 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém-PA, 2 a 7/09/2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1603-1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2020.

CETIC (BR). **TIC Kids Online Brasil**. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 04 ago. 2020.



e-ISSN: 2177-8183

TURKLE, Sherry. **La conversazione necessaria**. La forza del dialogo nell'era digitale. Torino, Italia: Einaudi Editore, 2016.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. São Paulo: Contexto, 2019.